

## A favela segundo Carolina

**Carla de Fátima CORDEIRO<sup>1</sup>**

O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos (Carolina Maria de Jesus).

Esse artigo tem como objetivo analisar como Carolina Maria de Jesus observa em seu livro “Quarto de Despejo” (1960) o lugar onde vive e as pessoas que moram na favela. Primeiramente, é interessante notar que a autora define o lugar onde vive com o mesmo nome dado ao seu livro, quarto de despejo. Carolina não nos deixa esquecer que fala da favela, da realidade de onde mora. Favela e favelados são umas das palavras que mais aparecem no livro.

Do mesmo modo que no Rio de Janeiro há a divisão entre morro, ou seja a favela, e cidade, ou seja o que não é favela, a autora que mora na capital paulista define espacialmente a favela como quintal da cidade, onde se jogam os restos; o palácio do governo segundo ela é como a sala de visita e a prefeitura seria como a sala de jantar e jardim.

Carolina considera que não mora na cidade, como se cidade fosse uma coisa e favela outra, algo alheio que desta não pode fazer parte. Uma denominação que segundo Oliveira e Macier (2004), é muito presente nas letras musicais dos anos 30 e 50, isto é, a favela é tratada como não-cidade. O que percebemos no diário de Carolina:

[...] eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a

---

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Sociais, pesquisadora do tema *Os personagens negros em Fogo Morto*, membro do Grupo de Estudos de Literatura e Cinema e NUPE, Núcleo de Pesquisadores Negros da UNESP.

impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho noção de estar num quarto de despejo (JESUS, p. 37)

Carolina sonha com a cidade onde as pessoas, segundo ela, são bem vestidas, onde há casas de alvenaria coloridas, lustres de cristais, almofadas de cetim, ou seja, um paraíso, ao contrário da favela que, na sua concepção, é uma outra cidade, um inferno:

Quando vou a cidade tenho a impressão que estou no paraizo. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da America do Sul está enferma. Com úlceras. As favelas. Aqui nesta favela a gente vê coisa de arrepiar os cabelos. .A favela é uma cidade esquisita e o prefeito daqui é o Diabo [...] Percebo que todas as pessoas que residem na favela, não aprecia o lugar (JESUS, p. 90).

Segundo Carlos Vogt (1983), no mundo dicotômico de oposições de *Quarto de Despejo* apresenta-se a oposição cidade/favela que subsume uma série de outras oposições como: luz e sombra, brancos e negros, riqueza e pobreza, céu e inferno, integrados e marginais, casa de alvenaria e barraco, luxo e lixo. Entre esses opostos não há vasos comunicantes e mesmo o trabalho de Carolina (catadora de papel) que permite o contato dos opostos reforça a sua separação: “No plano mais concreto dos comportamentos sociais, ela funciona como um elo da ligação entre a cidade e a favela chamando, por exemplo, várias vezes a polícia para pôr ordem nas situações mais críticas da desordem que a favela representa (VOGT, 1983, p. 211).”

Carolina é uma atenta observadora do lugar onde mora. Acha que a favela não é um bom lugar para se viver: “Oh! Seu pudesse mudar daqui para um lugar melhor”. É implacável ao questionar o comportamento moradores da favela, particularmente o das mulheres que, segundo ela: “Tudo quer saber! A língua delas é como pés de galinha, tudo espalha”! Fala ainda que no lugar não tem solidariedade e que é palco de constantes brigas: “Depois que a favela superlotou-se de nortistas tem mais intriga. Mais polemica e mais distrações. A favela ficou quente igual pimenta” (JESUS, p. 75).

Na visão da autora a favela que embrutece as pessoas, o que era diamante ou ouro vira chumbo, as crianças que chegam educadas na favela ficam sem juízo. Mas, ao mesmo tempo em que culpa a situação da favela por causa da índole de seus moradores, a autora demonstra ter uma noção bem clara da pobreza que todos vivem, e demonstra sua solidariedade e revolta com a situação. Nestes momentos, seu texto atinge grandeza, como por exemplo, quando faz analogia do caixão roxo que chegou para o enterro de uma vizinha, comentando que o roxo é “a cor da amargura que envolve o coração dos favelados”. Ou ainda quando compara os favelados aos gatos, quando o gato quer comer o canário da gaiola, pois ambos têm fome. Ou em outras situações:

Mal sabe ele [padeiro] que na favela é a minoria quem toma café. Os favelados comem quando arranjam o que comer (p. 35)  
Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos.  
Dura é a vida do favelado. (p. 42)  
Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isso em prol dos outros [...] Antigamente, isto é de 1950 até 1956, os favelados cantavam. Faziam batucadas. 1957, 1958, a vida foi ficando causticante. Já não sobra dinheiro para *eles* comprar pinga. As batucadas foram cortando até extinguir-se. (JESUS, p. 37, grifo meus).

Talvez como forma de consolo, Carolina acredita na justiça divina mas, ao mesmo tempo, não deixa de indagar a Deus por ter permitido que tudo fosse daquele jeito.

No entanto, para a autora viver na favela é uma situação temporária, pois, ela não é favelada, só *está* favelada, o que lhe permite olhar criticamente para a situação:

... Cheguei na favela: eu não acho geito de dizer cheguei em casa. Casa é casa. Barracão é barracão (p. 48).  
Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos estingue as favela (p. 21).  
Se pudesse mudar desta favela! Tenho a impressão que estou no inferno. (JESUS, p.28)

Por isso, que muitas vezes temos a impressão que ela olha o lugar onde mora de longe, quase nunca se incluindo como parte dele. Uma situação que varia durante o livro. Ao falar dos agasalhos antigos e gastos das mulheres da favela, diz: “é os políticos que há de nos dar [agasalhos novos]”, ao perceber a frase anterior completa: “Devo

incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo” (JESUS, p. 38). Em outro trecho ao se lembrar de mãe, que segundo Carolina, a ensinou a gostar dos humildes e dos fracos completa: “é por isso que eu tenho dó dos favelados” (JESUS, p. 49).

Para Vogt (1983), o ponto de estranhamento entre Carolina e os favelados é o livro. As atitudes da autora não são por acaso, ela se mostra no livro distinta e distinguida dos demais favelados e mostra ainda que o livro é a sua possibilidade de um projeto de futuro.

Carolina Maria de Jesus desejava o fim das favelas, através do sucesso de seu livro encontrou durante algum tempo a solução para seus problemas individuais, saiu da favela no ano de 1964, foi morar em Santana, bairro paulistano de classe média. Morou na favela que descreveu, a do Canindé, cerca de nove anos, que anos depois por motivos controversos desapareceu alguns dizem que por causa de suas denúncias, outros por causa do projeto de construção da marginal Tiête. Mas as mazelas denunciadas em seu livro persistem.

## **BIBLIOGRAFIA**

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Oficinas Gráficas de Linográfica, 1960.

OLIVEIRA, Jane Souto de & MACIER, Maria Hortense. A palavra é: favela. In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (orgs.). *Um século de favela*, 4ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual: o Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus. In: SCHWARZ, Roberto. *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.